

Professor-curador: um novo perfil docente?

Teacher-curator. A new teaching profile?

Luis Gabriel Venancio Sousa^{1*}

*Universidade aberta em Curitiba, Paraná (UNINA)
e-mail: luisgabrielsousa1@gmail.com

Nivea Rohling*

*Universidade aberta em Curitiba, Paraná (UNINA)
e-mail: nivea.rohling@gmail.com

Resumo: Esta pesquisa teve como objetivo analisar como licenciandos(as) de um curso Letras Português, em formação inicial em uma universidade federal tecnológica, produziam sentidos a respeito do professor como curador. A metodologia consistiu numa abordagem qualitativa e interpretativista, caracterizada como pesquisa participante. Tomou-se como ancoragem teórica a Análise Dialógica de Discurso (ADD), dos estudos de Bakhtin e o Círculo (Bakhtin, 2015[1975], 2018[1963], 2016[1979], 2018[1975]; Volóchinov, 2018[1929], 2019[1930]), e estudos sobre curadoria (Deschaine; Sharma, 2015; Araújo, 2019). Os resultados apontam que os licenciandos consideram o professor contemporâneo como um curador, cujas características são: a) profissional que organiza informações, principalmente as dispostas em ambientes digitais; b) profissional que amplia os saberes, mas o seu perfil e a sua atuação são moldados de acordo com a modalidade de ensino em que atua; c) profissional cuja atuação é marcada/condicionada pelas condições concretas do trabalho docente.

Palavras-chave: Professor-curador. Perfil Docente. Análise Dialógica de Discurso.

Abstract: The purpose of this study was to examine how undergraduate students from a Portuguese Letters course in an introductory formation at a federal technical university created interpretations regarding the instructor as a curator. The methodology used was a qualitative and interpretative approach known as participatory research. The theoretical basis is rooted in the Dialogical Discourse Analysis (DDA), based on Bakhtin and Circle studies (Bakhtin, 2015[1975], 2018[1963], 2016[1979], 2018[1975], Volóchinov, 2018[1929], 2019[1930]), and curatorship studies (Deschaine; Sharma, 2015; Araújo, 2019). The findings show that undergraduates view the contemporary teacher as a curator, with the following characteristics: a) a professional who organizes information, particularly in digital environments; b) a professional who expands knowledge, but their profile and performance are shaped by the teaching modality in which they

¹ Informações de autoria. E-mail para contato: autor@gmail.com.

work; and c) a professional whose performance is marked/conditioned by the particular conditions of teaching practice.

Key words: Teacher-curator. Teaching profile. Dialogical Discourse Analysis.

INTRODUÇÃO

Quem frequentou a sala de aula há algumas décadas, na condição de aluno ou de professor, e está na escola atualmente, percebe que o processo de ensino-aprendizagem se alterou sensivelmente por inúmeras razões, dentre elas, é a ascensão da tecnologia digital impactando todas as instâncias de atividades humanas.

Se há algum tempo o livro didático, grande referência de artefato tecnológico em sala de aula, poderia trazer informações pontuais para contribuir e ilustrar conteúdos específicos aos alunos, atualmente, ele, por si só, não é mais o suficiente².

Nesse sentido, se antes a escola e o livro didático tinham papel primordial de apresentar o conhecimento produzido nas áreas de referência, quase inéditos aos estudantes, hoje ela compete com uma série de dispositivos tecnológicos que fazem os conhecimentos produzidos circularem de modo mais amplo. Vale destacar que não advogamos em prol do discurso de que a tecnologia digital proporcionou um acesso irrestrito e democrático de todos ao conhecimento. No entanto, reconhecemos que os modos de produzir e circular informações e saberes hoje é bem mais amplo e complexo, extrapolando os letramentos escolares e a educação regular formal.

Sobre esse tema, já em publicação de 2003, Kenski salientava que os saberes já não estão mais restritos apenas ao espaço físico da escola, muito menos os estudantes têm hora e lugar marcado para ter acesso a eles; os conhecimentos circulam de modo mais fluido, nas palavras da autora, “nas estradas virtuais da informação” (2003, p. 27).

² Ressaltamos que em algumas realidades fora dos grandes centros urbanos o livro didático ainda é o principal artefato tecnológico mobilizado pelo professor nas práticas de ensino-aprendizagem.

Tratam-se, pois, de novos modos de interagir e acessar informações/conteúdos via dispositivos tecnológicos. Nesse debate, Rojo (2013) problematiza a mudança do papel da escola, tendo em vista a necessidade de que a instituição escolar prepare a população para um funcionamento da sociedade cada vez mais digital, com o professor assumindo o protagonismo para atribuir ao processo de ensino-aprendizagem todas essas questões.

No tocante, ao papel do professor nessa relação de mediação pedagógica, emergem preocupações acerca do novo perfil de atuação docente nos processos de ensino-aprendizagem que leve em consideração as informações disponíveis fora dos muros escolares que são gratuitas, fartas, variadas e inesgotáveis (Gonsales, 2012). Esse cuidado com a informação se mostra relevante se pensarmos que nem tudo que está disponível na internet, por exemplo, é realmente verossímil e há muitas informações equivocadas, distorcidas, além de superficiais e simplistas³.

Diante disso, é relevante pensar como o docente pode auxiliar os alunos a lidarem com tanta informação disponível para que a construção de conhecimento seja realmente significativa. Afinal, se as informações já estão disponíveis em redes e os alunos têm acesso a elas, muitas vezes gratuitamente, vale questionar, então: Qual o papel do professor nesse novo cenário formativo?

Estudos acerca do perfil do professor contemporâneo (Castañeda; Adell, 2013; Amaral, 2012; Silva, 2012; Souza, 2017; Araújo, 2019; entre outros) enfatizam que o docente pode incumbir-se do papel de curador. Amaral (2012) explica que o termo curador assume diferentes papéis dependendo da área envolvida. A origem da palavra curadoria vem do latim *curator*, que significa tutor, ou seja, aquele que administra a seu cuidado, sob sua responsabilidade (Martins, 2006). Segundo Oliveira e Janes (2017), o termo começou a ser usado na área do direito, como o ato de curar, zelar, vigiar por algo; depois, passou para o campo das artes.

Diante disso, o conceito de curadoria ligado à *mediação* articula-se bem ao campo da educação (Lopes *et al.*, 2014; Araújo, 2019; Souza, 2017). Nessa perspectiva, se

³ Essa preocupação com a veracidade das informações é uma nova demanda do professor e um trabalho a ser feito/considerado em sala de aula. A BNCC, por exemplo, propõe como objeto de discussão na escola o tema Fake News.

pensarmos no perfil do professor, conforme historicizado por Geraldi (2010), em que o professor já há muito tempo não é o produtor de um conhecimento científico, mas alguém que reproduz e atualiza ao longo do tempo um saber produzido por um outro (seja das pesquisas de científicas ou dos materiais didáticos), teríamos na curadoria uma forma de o professor ressignificar saberes, adaptando-os às realidades possíveis no espaço da sala de aula?

Assim, tomando como base a discussão sobre esse possível perfil docente – o professor curador, neste artigo, apresentamos uma análise produzida no espaço da formação inicial de professor de Língua Portuguesa. O objetivo foi observar como licenciandos(as) de um curso Letras Português, em formação inicial em uma universidade pública tecnológica, produziam sentidos a respeito do professor como curador.

Para tanto, do ponto de vista epistemológico nos embasamos na Análise Dialógica de Discurso (ADD), a partir dos escritos de Bakhtin e o Círculo, bem como teorizações recentes no campo educacional sobre o tema curadoria. A fim de apresentar a análise empreendida, este artigo está organizado da seguinte forma: inicialmente, apresentamos a noção de curadoria relacionada ao contexto educacional; depois, descrevemos os dados de análise. Por fim, apresentamos a análise dos enunciados dos licenciandos acerca do professor-curador.

A NOÇÃO DE CURADORIA/CURADOR

No cenário das artes é que a curadoria tem a sua identidade mais popular, onde o curador foi incumbido a assumir o protagonismo de organizador da cultura, selecionando, capturando, descrevendo e preservando conteúdos (Oliveira; Janes, 2017). Lopes, Sommer e Schimidt (2014) acrescentam que

a intenção do curador, geralmente, é fornecer elementos ou informações sobre um conjunto de obras de artes a fim de aguçar os sentidos e o interesse do visitante de uma exposição ou instalação e, ao mesmo tempo, provocar uma leitura que extrapola a experiência imediata entre a obra e o visitante. (p. 61)

Já Bhargava (2011, p. 4 – tradução nossa) amplia esse conceito ao discutir a curadoria digital defendendo a ideia de que a curadoria é o “ato de encontrar, agrupar, organizar ou compartilhar o melhor e mais relevante conteúdo sobre uma questão específica⁴.” Na mesma perspectiva, Ramos (2012) também defende a proposição do curador como um mediador e ressalta que esta atividade pode ser considerada fundamental na cultura contemporânea, uma vez que o mediador não está necessariamente envolvido em produzir novas formas, mas sim arranjá-las em novos formatos, isto é, proporcionando novos sentidos.

Atualmente, o conceito de curadoria tem se expandido para outros campos epistemológicos, como o marketing, a informação, a comunicação etc. e, mais recentemente, a educação. Não há um consenso de conceito que padronize um curador ou a prática da curadoria nas diferentes correntes de saberes.

No entanto, nas esferas epistemológicas que adotam a curadoria como premissa de ação, é atribuída a ela não apenas a prática de selecionar informações/conteúdos, mas de, também, socializar o conteúdo curado.

Bhargava (2011, p. 4 – tradução nossa), mais precisamente ao discutir a curadoria digital, defende a ideia de que a curadoria é o “ato de encontrar, agrupar, organizar ou compartilhar o melhor e mais relevante conteúdo sobre uma questão específica⁵.” Ampliando essa perspectiva, o curador passa a ter como característica a mediação (Ramos, 2012; Lopes *et al.*, 2014; Hoffmann, 2003), atividade que pode ser considerada fundamental na cultura contemporânea, uma vez que o mediador não está necessariamente envolvido em produzir novas formas, mas, como destaca Ramos (2012), arranjá-las em novos formatos, isto é, proporcionando novos sentidos.

No tocante ao conceito de curadoria atrelado à *mediação*, Ungerer (2016) salienta que alunos e professores podem ser encorajados a se tornarem curadores digitais e não apenas consumidores de informações que encontram na internet, mas também é preciso

⁴ Tradução nossa extraída do seguinte excerto: “Content Curation is a term that describes the act of finding, grouping, organizing or sharing the best and most relevant content on a specific issue.”

⁵ Tradução nossa extraída do seguinte excerto: “Content Curation is a term that describes the act of finding, grouping, organizing or sharing the best and most relevant content on a specific issue.”

que avaliem e sintetizem conteúdos para, eventualmente, se tornarem cidadãos digitais responsáveis.

Araújo (2019) afunila a discussão dessa temática trazendo o debate para o campo da Linguística Aplicada, ao apontar que “tarefas de selecionar, editorializar e formatar conteúdos devem ser contempladas no trabalho do *linguista-curador* ou do *professor-curador*” (p. 219). E salienta que

[...] o papel do professor-curador, seja buscando recursos no universo da web, seja buscando recursos dentro de repositórios, cabe a ele analisar cada RED [Recurso Educacional Digital] considerando a adequação especialmente à linguagem como prática social situada histórica e socialmente, dirigida ao outro, considerando esse outro como sujeito que se constitui na e pela linguagem (Araújo 2019, p. 235).

Nesse sentido, trazemos as perspectivas de Deschaine e Sharma (2015) que atestam a necessidade de professores (e formadores de professores) se tornarem curadores digitais, identificando e utilizando recursos que sejam reflexivos, relevantes e representativos das metas e objetivos contidos no currículo.

Os autores problematizam a formação de professores e direcionam o seu estudo a professores universitários, destacando que “a curadoria digital proporciona [...] a oportunidade de desenvolver uma formação efetiva de professores e materiais para o seu desenvolvimento”⁶ (Deschaine; Sharma, 2015, p. 23, tradução nossa). Assim, tomamos como base a discussão dos autores para discutir o professor-curador em todos os cenários educacionais, incluindo o professor da educação básica, sobretudo o de língua, tendo em vista a produtividade do tema.

Ademais, não assumimos essas posições como parâmetros deterministas em relação às práticas pedagógicas, mas como uma possibilidade de arquitetônica para análise/ação de um processo de curadoria.

⁶ Traduzido do excerto: “It provides the faculty member with an avenue to demonstrate value-added perspectives by making collections available for future academics.”

Os autores (2015) se apoiam em estudos de alfabetização de novas mídias para definirem o processo de curadoria envolvendo a utilização de diferentes tecnologias a fim de ressignificar sentidos. Para isso, estabelecem o processo que envolve os cinco Cs: a) Coletar (preservar e revisitar); b) Categorizar (comparar e generalizar); c) Criticar (discriminar e avaliar); d) Conceituar (reorganizar e reaproveitar); e e) Circular (mostrar valor e tornar acessível).

No quadro 1, a seguir, apresentamos um detalhamento dos cinco Cs.

Quadro 1 – Os cinco cs para o processo de curadoria

1	Coletar	O curador seleciona, preserva e revisita os materiais escolhidos.
2	Categorizar	Compara os materiais e generaliza o conteúdo de forma ampla.
3	Criticar	Faz uma análise crítica do que realmente é importante, discriminando e avaliando o que será usado.
4	Conceituar	Reorganiza e reaproveita o que foi escolhido ressignificando/mixando/editando para a realização do seu objetivo final. É nesta etapa que o curador dá novo sentido aos conteúdos.
5	Circular	Socializa o produto curado, mostrando seu valor e tornando o produto acessível.

Fonte: Adaptado de Deschaine e Sharma (2015).

Consideramos o produto final elaborado pelo professor-curador, após a realização das cinco etapas, como algo novo inserido em um novo contexto, mas realizado a partir de, na perspectiva bakhtiniana, “já ditos”. Isto é, um produto não original e inédito, trata-se de algo reelaborado a partir de outros autores e inserido em um novo contexto de interação interlocutiva.

Em outras palavras, a partir do uso de Objetos Virtuais de Aprendizagem (Leffa, 2006) disponíveis em redes, o curador não assume o papel de autor ou co-autor desse conteúdo, mas o de um sujeito que reelabora e ressignifica sentidos, por meio de uma produção outra - a ser inserido em um novo contexto de interação – o da sala de aula.

Assim, o professor-curador seleciona, organiza e reelabora enunciados dispersos no mundo para construir o seu enunciado mediante o objetivo da aula. Não se trata de um co-autor, pois ele está sempre reenquadrando discursos-outros, trazendo-os para o contexto da aula, reelaborando materiais e dando novos sentidos a eles a partir de já-ditos. Outrossim, a aula em si, o acervo socializado aos estudantes e a condução de construção de novos sentidos e conhecimentos é que pode sinalizar um processo autoral do professor, isto é, como o produto final de uma possível curadoria.

DESCRIÇÃO DOS DADOS E PARÂMETROS DE ANÁLISE

Como dito antes, o presente estudo se pauta Análise Dialógica de Discurso (ADD), o que significa dizer que não há categorias rígidas a priori. A ADD tem como orientação os escritos do Círculo com enfoque no método sociológico proposto por Volochinov (2018[1929]) para quem é preciso levar em consideração, na análise da linguagem, três fatores:

- 1) As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
- 2) As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, isto é, as categorias de ato de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
- 3) A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual (Volóchinov, 2018[1929], p. 128-129).

A fim de elucidar alguns parâmetros de análise para pesquisas em ADD e pelos quais tomamos como base para esta pesquisa, Rohling (2014) indica, então, que análises de produções discursivas contemporâneas levem em consideração:

- O estudo da esfera de atividade humana, em que se dão as interações discursivas em foco;
- A descrição dos papéis assumidos pelos participantes da interação discursiva, analisando as relações simétricas/assimétricas entre os interlocutores na produção de discurso;

- O estudo do cronotopo (o espaço-tempo discursivo) dos enunciados;
- O estudo do horizonte temático-valorativo dos enunciados;
- A análise das relações dialógicas que apontam para a presença de assimilação de discursos já-ditos e discursos prefigurados, discursos bivocais, apagamentos de sentidos, contraposições, enquadramentos, reenuniação de discursos e reacentuações de discursos (p. 50).

Ancorados nesses parâmetros e mobilizando ao longo da análise conceitos como enunciado e discursos, iniciamos uma pesquisa participante, a realizada com 18 licenciandos do 5º período do curso Letras Português, da modalidade presencial, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, no campus de Curitiba/PR, mais precisamente em uma disciplina intitulada: “Projeto Integrador: multimodalidade e ensino não-presencial, no período de setembro a dezembro de 2019.

Os dados foram gerados a partir de dois instrumentos de pesquisa: 1) interação entre pesquisador e licenciandos em uma aula de 50 minutos sobre “Curadoria” (AC), em que foi apresentado e discutido o conceito de Curadoria; 2) os Projetos avaliativos elaborados pelos licenciandos (PJ), em que eles mobilizaram o conceito de Curadoria em pesquisas para avaliação da disciplina.

Na subseção a seguir, apresentamos a análise dos dados no tocante aos sentidos produzidos pelos licenciandos acerca do professor-curador.

O PROFESSOR-CURADOR NA VOZ DOS LICENCIANDOS

Nesta seção, discorreremos sobre os modos como os sujeitos, na formação inicial, relacionam a noção de curador ao professor. A análise dos dados apontou certas regularidades no tocante aos discursos dos licenciandos quanto à atuação do professor-curador, são elas: a) profissional que *organiza informações*, principalmente as dispostas em ambientes digitais; b) profissional que *amplia os saberes*, mas o seu perfil e a sua atuação são moldados de acordo com a modalidade de ensino onde ele atua; c) profissional cuja *atuação depende das condições de trabalho que lhe são impostas*.

A primeira discursividade que se mostrou mais acentuada quanto às características do professor-curador é a de que ele é responsável por *organizar informações*, principalmente as dispostas em ambientes digitais, para trazê-las ao contexto escolar, mais precisamente à sala de aula. Percebemos que essa concepção está ancorada no discurso teórico apresentado a eles no decorrer da disciplina. Os enunciados a seguir materializam a recorrência dos discursos que identificam o professor-curador como alguém que organiza informações.

⁷PJ - Aurora: As funções do professor-curador [...] constituem em coletar dados, preservar a informação, revisitar o conteúdo, categorizar, comparar, criticar, conceituar, mostrar valor e tornar o conteúdo acessível a todos os seus alunos.

PJ - Bernardo: refere-se ao profissional que irá pré-estabelecer os conteúdos online.

PJ - Gustavo: o curador é aquele que seleciona e separa os materiais, organiza as atividades para um curso e mantém em mente as necessidades dos alunos.

PJ - Carla: [...] aquele que gerencia algo no meio digital. Ou ainda quem seleciona o conteúdo encontrado.

PJ - Dani: [...] o curador é o que seleciona conteúdos, cuida, preserva e recompactua-os de diversas maneiras.

PJ - Sara: [...] aquele que reinterpreta o uso de artefatos digitais, explorando e categorizando de forma coerente todos os parâmetros que serão tangenciados.

PJ - Manu: o professor[urador] seleciona os materiais que compõem a sua aula.

É possível observar nos enunciados produzidos por Aurora, Gustavo e Dani o revozeamento de uma das teorias apresentadas a eles: os 5 Cs propostos por Deschaine e Sharma (2015). Os licenciandos caracterizam o professor-curador como aquele que contempla todos os processos indicados pelos teóricos. Portanto, ainda que o professor-curador tenha como principal característica organizar informações para elaborar a sua aula, ele realiza uma série de procedimentos na curadoria, como destacado por Aurora: “*coletar dados, preservar a informação, revisitar o conteúdo, categorizar, comparar, criticar, conceituar, mostrar valor e tornar o conteúdo acessível a todos os seus alunos*”.

⁷ Os nomes mencionados para designar os licenciandos são fictícios.

Essa reacentuação dos discursos teóricos nos discursos dos licenciandos é o que Bakhtin (2015[1975]) define como discurso interiormente persuasivo, uma vez que “no uso de minha consciência, o discurso interiormente persuasivo é metade meu e metade do outro” (p. 140). Isto é, ainda que os licenciandos se apoiem no discurso teórico, eles trazem novos horizontes a esse discurso, realocam a teoria em um novo contexto valorativo e remodelam os sentidos.

Volóchinov (2019[1930]) explica que

Toda avaliação, por mais insignificante que seja, expressa uma situação social: ela está relacionada com o objeto, mas ao mesmo tempo ressoa nela o desafio ao inimigo e o apelo aos amigos. Assim é a entonação mais simples da voz humana. Ela é a expressão mais pura e imediata da avaliação, enquanto que todos os demais elementos da fala articulada possuem novas funções, embora estejam penetrados pela avaliação (a fala sem avaliação é uma abstração). (p. 2016)

Para Sara, Carla e Bernardo, a organização de informações realizada pelo professor-curador está contextualizada no cenário digital, como é percebido nos enunciados dos projetos produzidos para as disciplinas: Carla, por exemplo, ressalta que esse profissional é quem “*gerencia algo no ambiente digital*”; para Bernardo, o professor-curador “*refere-se ao docente que irá pré-estabelecer os conteúdos on-line*”; enquanto Sara explica que o professor-curador é “*aquele que reinterpreta o uso de artefatos digitais*”.

Aparentemente, Sara, Carla e Bernardo não mencionam a possibilidade de o professor-curador trabalhar também com tecnologias analógicas, como os livros impressos, por exemplo. Dessa forma, podemos aventar alguns motivos para essa relação: 1) o professor considerado tradicional é quem atua com as tecnologias analógicas, logo, aqueles que trabalham com as tecnologias digitais recebem uma valoração de sua identidade para o curador; 2) os discursos se relacionam ao perfil de estudante proposto pela própria curso e disciplina em estão inseridos, cuja proposta é, dentre outras, trazer discussões pautadas em novas tecnologias para o contexto escolar, logo, refletir sobre

questões relacionadas às novas tecnologias e o trabalho docente é algo que já faz parte do horizonte apreciativo desses licenciandos.

O enunciado de Carla traz novamente a concepção do professor-curador como um possível mediador, ainda que o sujeito participante da pesquisa utilize o termo “gerenciar” para representar esse mediar, atuando na cultura digital, organizando os saberes e tornando-os acessíveis aos estudantes. Desse modo, essa afirmação se aproxima de algumas etapas de curadoria dos 5Cs (Deschaine; Sharma, 2015), como *categorizar* e *circular*, o que indica, mais uma vez, um revozeamento teórico no discurso desses licenciandos.

Já o enunciado de Bernardo, que indica o professor-curador como quem “*pré-organiza conteúdos online*”, remete à atuação do curador como um selecionador de conhecimentos/saberes, onde ele escolhe conteúdos em rede para algum fim. Possivelmente, o professor-curador atuaria, então, não apenas como mediador, mas como alguém que dispõe de mais experiência para escolher o que há de mais importante nas redes para mobilizar na prática de ensino, podendo esse produto curado ser socializado ou não.

Nesse contexto, seria o professor-curador uma nova roupagem para o autor de materiais didáticos e não necessariamente ao professor da sala de aula?

Sara considera que o professor-curador é aquele que “*reinterpreta o uso de artefatos digitais*”, conseqüentemente, podemos pensar que ele mobiliza artefatos digitais, como, por exemplo, aplicativos. No entanto, o enunciado de Sara não aponta possibilidades de como o professor-curador pode ressignificar esses dispositivos para a construção de conhecimento (Gerald, 2010). Dessa forma, seria então o curador um profissional que domina técnicas de ferramentas digitais, bem como alguém atualizado com as inovações tecnológicas a fim de possibilitar seus usos no contexto educacional? Se sim, isso nos remete mais uma vez a uma possível ressignificação da atuação de autores de materiais didáticos e não apenas do professor de sala de aula em si, uma vez que o curador não está enredado especificamente ao processo de ensino-aprendizagem, mas empenhado em encontrar mecanismos tecnológicos possíveis para este fim. Manu,

por exemplo, durante a aula sobre curadoria, foi enfática ao dizer que “*quem produz material didático deveria ser um curador*”.

Nessa lógica, vale ressaltar que os discursos dos licenciados são recorrentes em atribuir ao perfil do professor-curador a característica de um profissional inserido no contexto multissemiótico, que busca relacionar o que há nesses cenários digitais ao contexto educacional. Essas percepções podem ser ressonância da proposta do curso e da universidade onde estão situados, cujo enfoque nas reflexões de/sobre tecnologias digitais e educação fazem parte da formação dos licenciandos.

Ademais, percebemos as indicações de que o professor-curador deve assumir um papel de não apenas ensinar os conteúdos curriculares, mas o de “*mostrar valor*”, como destacado por Aurora. Assim, o professor-curador assumiria, por exemplo, como atribuição auxiliar no combate às *fake news*, filtrando informações dispostas no mundo, de acordo com a veracidade dos fatos, e apresentando-as aos seus estudantes, uma vez que ele é um interlocutor mais experiente para reconhecer os saberes e as informações relevantes/verdadeiras para a formação cidadã dos seus alunos.

Ademais, o professor-curador atuaria de forma distinta, dependendo da modalidade de ensino onde ele estiver situado. Nessa perspectiva, apresentamos a segunda regularidade mais sedimentada nos discursos dos licenciandos: *o professor-curador é quem amplia os saberes*, de acordo com o contexto em que estiver inserido.

Em alguns enunciados, os licenciandos situam o professor-curador principalmente como um profissional da EaD. Aqui é possível aventar uma ressonância da própria disciplina em que os dados foram gerados, uma vez que ela propõe discussões sobre a educação a distância. Em outras palavras, está próximo do horizonte apreciativo dos licenciados.

Esses enunciados sinalizam que o professor-curador da educação a distância lida, basicamente, com organização de informações e adaptações de conteúdos, tendo como objetivo principal “facilitar” o aprendizado dos estudantes. Já o professor-curador da modalidade presencial, por sua vez, tem como papel fundamental ampliar os saberes dispostos nos livros didáticos utilizados nas aulas, não limitando-se apenas ao que é

produzido pelos autores desses materiais. No que se refere ao professor-curador da EaD destacam-se os seguintes enunciados:

PJ - Bernardo: Docente que irá pré-estabelecer os conteúdos online, e também encontrar e fornecer links, por exemplo, hipertextos, além de organizar os conteúdos.

PJ - Dani: No meio de diversas informações, conteúdos e todo tipo de texto, é necessário que haja um responsável – o curador – para pensar em como o aluno receberá todo esse material, mediando e intervindo nesse espaço digital, de forma a facilitar o ensino-aprendizagem [...] no ensino on-line.

PJ - Arthur: O trabalho curador do professor EaD tende a ser extremamente detalhista, pressupondo a maior quantidade de realidades inimagináveis, para que este material possa ser bem usufruído pela maioria dos estudantes EaDs.

PJ - Manu: ele [o professor-curador] precisa selecionar e filtrar as imagens e textos relacionados aquele conteúdo, precisa agenciar como esse conteúdo será disposto para os alunos, e por fim como ele se aplicará dentro da plataforma do curso.

Ao aferir que o professor-curador, na EaD, “*encontra e fornece links, por exemplo, hipertextos, além de organizar os conteúdos*”, o licenciando considera funções exercidas por outros atores⁸ dessa modalidade de ensino, como professores-tutores⁹ e designers instrucionais, por exemplo. Já Manu reforça essa concepção ao dizer que o curador deve “*selecionar e filtrar as imagens e textos relacionados aquele conteúdo*”, trabalho realizado, na maioria das vezes, também por professores-tutores e designers instrucionais.

Dessa maneira, “encontrar e fornecer *links*” pode estar relacionado à ampliação de conteúdos além daqueles contemplados nos materiais didáticos produzidos para essa modalidade, quase sempre no formato digital. O curador, para Bernardo e Manu, é

⁸ A Educação a Distância contemporânea se difere bastante do ensino presencial, sendo integrada por diversos atores que produzem e conduzem o processo de ensino-aprendizagem. Se, no ensino presencial, o professor é o principal agente na organização da aula, atuando diretamente na elaboração, atualização e discussão de conteúdos; na EaD, essas tarefas são diluídas para diversos profissionais.

⁹ Rohling (2012) explica que o professor-tutor ocupa uma posição intermediária (entre o professor da disciplina e o aluno) na estrutura organizacional dos cursos da EaD, mesmo que sejam professores formados, pós-graduados em níveis de mestrado e doutorado e tenham uma certa experiência na docência. Ele não tem autonomia irrestrita no processo de ensino-aprendizagem e, ainda que constitua voz de autoridade para os estudantes, está sob a orientação/autoridade do professor da disciplina.

responsável por ampliar as possibilidades de acesso à informação e a conteúdos, a partir de uma base já elaborada e presente nas videoaulas e nos materiais didáticos, utilizando para isso textos característicos do ambiente digital.

Dani, Arthur e Manu destacam que o professor-curador deve conduzir seu trabalho levando em consideração as múltiplas diferenças que constituem os estudantes da EaD a fim de que o aprendizado desse público seja mais bem-sucedido: “*pensar em como o aluno receberá todo esse material*” (Dani); “*pressupondo a maior quantidade de realidades inimagináveis, para que este material possa ser bem usufruído pela maioria dos estudantes EaDs*” (Arthur); “*precisa agenciar como esse conteúdo será disposto para os alunos*” (Manu). Além disso, consideram o professor-curador como alguém apto a compreender os diferentes contextos sociais que interferem diretamente no aprendizado dos sujeitos. Assim, esse profissional é responsável por estruturar e organizar os conteúdos de modo que os estudantes tenham o mínimo de dificuldades para aprender.

No ensino presencial, esse planejamento é diferente, uma vez que o professor atende a um número menor de alunos por turma, bem como estrutura sua aula para um público conhecido e específico. Como na EaD, dependendo do formato do curso, quem elabora os materiais didáticos e as videoaulas nem sempre interage diretamente com os estudantes, pois são contratados apenas para elaborarem os conteúdos disponibilizados, fica a cargo dos professores-tutores e designers instrucionais pensarem possibilidades de tornar o conteúdo acessível/compreensível aos discentes. Portanto, mais uma vez os enunciados relativos ao professor-curador, na EaD, emergem como uma possível ressignificação de profissionais que já atuam nessa modalidade de ensino.

É interessante refletir, ainda, que as concepções apresentadas pelos licenciandos ainda estão pautados numa visão da EaD como produção e disponibilização de materiais, de modo que ela seria uma modalidade mediada principalmente pela leitura, onde o estudante aprende de modo bastante solitário, com as interações entre estudantes e professores-tutores acontecendo de modo síncrono por meio de *chats* e fóruns. Os enunciados de Dani e Manu, por exemplo, materializam essa percepção: *o aluno receberá todo esse material (Dani); como esse conteúdo será disposto para os alunos (Manu)*. Os

materiais são postados nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem e a aprendizagem se dá mediado pela leitura, o que demanda uma grande autonomia dos estudantes dessa modalidade no processo de construção de conhecimento.

Essa percepção da EaD é um modelo próprio dessa modalidade via tecnologias, utilizado em grande parte pelas universidades e instituições de ensino superior. Embora não seja o foco deste artigo, vale destacar que, durante o distanciamento social demandado pela pandemia da COVID-19, quando as instituições de ensino da modalidade presencial precisaram adotar o ensino remoto/emergencial¹⁰, as formas de interações foram remodeladas para um uso cada vez mais intenso de formas síncronas, por meio de aulas ao vivo, interações por *Google Classroom*, *Teams*, *Zoom*, *Lives* etc.

Por fim, observamos a regularidade em que o professor-curador *só vai poder existir de acordo com as condições a que está inserido*, como se observa nos enunciados a seguir.

AC - Dani: Depende da instituição, eu acho, né?! Por exemplo, dentro da escola pública, eu falo porque sou professora de escola pública, então a gente tem lá a abertura, por exemplo, de material... a gente pode selecionar, inclusive, por exemplo, eu não uso livro didático. Todos os livros que...é...são ruins. Eu não sei quem que escreveu aquilo lá, mas não é gente de Artes, não é...pessoa que tá na escola, então...assim...tenho liberdade. Agora não sei...depende da instituição, que segue, por exemplo, uma vertente religiosa, daí... você tem que seguir...então... varia muito, né?!

¹⁰ É importante enfatizar que o ensino remoto não é uma modalidade de ensino, mas um recurso/formato educacional utilizado por um certo período de tempo para atender a uma necessidade específica. Na pandemia por COVID-19, devido ao isolamento social, as escolas passaram a adotar essa forma de ensino para que as aulas das escolas da modalidade presencial não parassem por completo. Desse modo, ainda que alguns recursos tradicionalmente utilizados na EaD tenham sido adotados, é importante diferenciá-los. Enquanto na EaD há uma equipe de diferentes atores que pensam e planejam o processo de ensino-aprendizagem dessa modalidade, como professores-tutores, designers instrucionais, professores conteudistas etc., no ensino remoto, o professor é quem, muitas vezes, assume o papel desses atores, gravando e elaborando materiais didáticos, por exemplo. Além disso, enquanto na EaD os conhecimentos são propostos sem espaço-tempo específico, no ensino remoto houve uma transposição do formato da modalidade presencial para o espaço digital, com as aulas acontecendo nos mesmos horários, com formas parecidas de interações e o mesmo tempo de duração do que era realizada até então. Para compreender melhor como se constitui a EaD, sugerimos a tese de Rohling (2012).

AC - Zeca: Eu só acho que existem certos contextos que o professor, mesmo tendo essa...capacidade de ser um curador, ele... fica...acaba ficando limitado, dependendo da instituição que ele tá. Então, assim, é muito triste, às vezes, você saber que você poderia levar algo a mais, você poderia trabalhar com outros textos, outra maneira, outra didática...metodologia, mas... você é limitado pela instituição que você tá. Então, acontece muito, principalmente com escola de idioma, infelizmente, você tá limitado aquele material didático, com aquela metodologia, aquele tempo de aula x, aquelas palavras que você tem que falar, aqueles jogos... você não tem muita liberdade. Você fica bem limitado, assim... você não consegue desenvolver. Até o que você estuda, o que você acredita, porque você precisa ganhar dinheiro pra se manter, aí você acaba se adequando ao ambiente que você tá.

Dani e Zeca destacam como principal cenário para que o professor possa ser curador da instituição de ensino onde ele atua. Portanto, questionam que ainda que se pense uma nova identidade ao professor, as condições institucionais onde ele está inserido vão limitar a sua forma de lecionar, muitas vezes, restringindo a sua aula ao uso do material didático. Se inserido no ensino público, onde o professor tem mais “abertura”, como enfatiza Dani, o ser “professor-curador” vai depender, segundo ela, de uma escolha mais individualizada: *“dentro da escola pública, eu falo porque sou professora de escola pública, então a gente tem lá a abertura, por exemplo, de material... a gente pode selecionar, inclusive, por exemplo, eu não uso livro didático”*.

Esse enunciado tematiza a discussão acerca da autoria do professor no ensino público, o professor concursado de carreira, pois ele pode ter um espaço maior para autoria, ocupando um lugar destacado na função de curador. Contudo, é importante salientar que ele não está totalmente livre para atuar, porque, ainda que o professor da escola pública tenha mais liberdade para elaborar suas aulas, há um currículo prescrito (Sacristán; Gomez, 1998) a ser observado. Podemos aventar, então, que a “abertura” e a “liberdade” estão atreladas à autoria e não a uma certa independência de escolha de conteúdos a serem ensinados na escola.

No entanto, já no contexto de ensino em instituições privadas, cujas condições de trabalho estão mais sujeitas às regras das escolas, ser “curador” extrapola a iniciativa do

docente, estando, pois, condicionado ao espaço dado pela instituição, como propõe Zeca: *“acontece muito, principalmente com escola de idioma, infelizmente, você tá limitado aquele material didático, com aquela metodologia, aquele tempo de aula x, aquelas palavras que você tem que falar, aqueles jogos... você não tem muita liberdade. Você fica bem limitado, assim... você não consegue desenvolver.”*

Tardif (2012[2002]) explica que o trabalho do professor está diretamente relacionado/acompanhado de uma relação social, ou seja, os professores estarão condicionados a trabalhar de acordo com as condições a que estão submetidos, de modo a mobilizarem vários saberes produzidos por esse ou por aquele grupo, oriundo dessa ou daquela instituição, incorporados ao trabalho por meio desse ou daquele mecanismo social. Desse modo, para Dani e Zeca, o professor-curador só pode emergir como identidade docente se permitido ou aliado ao contexto escolar em que está inserido. Acrescentamos a essa problematização, só se pode se concretizar se forem observadas certas condições materiais disponíveis no espaço escolar.

Em suma, os enunciados de Dani e Zeca trazem um questionamento interessante ao passo que, ainda que o professor queira e tenha acesso a todo um aporte teórico e tecnológico para se tornar/ser um curador, ele estará tensionado às condições institucionais e materiais de trabalho.

Apresentados os resultados de análise da pesquisa, na próxima subseção, seguem as considerações finais.

DAS (IN)CONCLUSÕES

A partir da presente análise, é possível aventar uma certa unanimidade nos enunciados ao construírem uma “nova roupagem” à identidade docente como professor-curador. Para isso, foram recorrentes características essenciais que esse profissional deve contemplar no seu cotidiano: a) deve *organizar informações*, principalmente as dispostas em ambientes digitais; b) é responsável por *ampliar os saberes dos estudantes*, mas o seu perfil e a sua atuação vão ser moldados de acordo com a modalidade de ensino onde ele

vai atuar, isto é, presencial ou EaD; c) *profissional cuja atuação é marcada/condicionada pelas condições concretas de trabalho.*

Para os licenciandos, essa “nova roupagem” surge como uma ressignificação de tarefas que o professor, muitas vezes, já realiza em seu trabalho ao elaborar suas aulas, inserindo nesse processo recursos e reflexões sobre tecnologias digitais. Ademais, a modalidade de ensino em que o docente atua, se EaD ou presencial, interfere na na práxis do professor-curador. Além disso, ainda que ele queira adotar um perfil de curador, o contexto de trabalho é que possibilita ou não essa “nova roupagem”.

Nesse sentido, é importante salientar que embora a escola e o docente tentem adotar práticas, processos e dinâmicas de curadoria, essa “nova roupagem” só é possível dependendo das condições e acesso aos recursos necessários. Logo, é preciso que os atores envolvidos na educação pensem o que é possível fazer dentro das condições onde estão situados, uma vez que os discursos oficiais começam a estabelecer a curadoria como uma demanda do professor contemporâneo.

Por fim, esta análise não teve o intuito de esgotar todas as possibilidades de construção de inteligibilidades acerca do professor-curador. Trata-se, antes, de uma análise possível, empreendida no campo da Linguística Aplicada a fim de ampliar as discussões sobre o professor e a práxis docente no que tange à curadoria no campo educacional.

REFERÊNCIAS

AMARAL, A. Curadoria de informação e conteúdo na web: uma abordagem cultural. *In: SAAD, E. N. Curadoria digital e o campo da comunicação.* São Paulo: ECA/USP, 2012. p. 40-50. Disponível em: <http://grupo-ecausp.com/novo-ebook-curadoria-digital-e-o-campo-dacomunicacao/>. Acesso em: 03 maio 2019.

ARAÚJO, N. M. S. Curadoria Digital: o importante papel do professor como curador de recursos educacionais digitais. *In: FINARDI, K.; TÍLIO, R.; BORGES, V.; DALLAGNELO, A.; RAMOS FILHOS, E. (org.). Transitando n(a) linguística aplicada.* Campinas: Pontes Editores, 2019, p. 211-239.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, pós-fácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016[1979].

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, pós-fácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016[1979].

BAKHTIN, M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018[1963].

BAKHTIN, M. **Teoria do Romance I: A estilística**. Tradução, prefácio notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015[1975].

BAKHTIN, M. **Teoria do Romance II: As formas do tempo e do cronotopo**. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

BHARGAVA, R. **The 5 Models of Content Curation**. 2011. Disponível em: <https://www.rohitbhargava.com/2011/03/the-5-models-of-content-curation.html>. Acesso em: 17 out. 2019.

DESCHAIINE, M. E.; SHARMA, S. A. **The Five Cs of Digital Curation: Supporting TwentyFirst-Century Teaching and Learning**. In: *Sight: A Journal of Scholarly Teaching*, Parkville, Missouri, USA, v. 10, p. 19-24, 2015.

GERALDI, J. W. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

GUILHERME, M. L. F. **Discurso sobre violência contra a mulher em webnotícias do jornalismo hegemônico**. Tese. Florianópolis: UFSC, 2021.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. da. **Identidade e diferença: as perspectivas dos estudos culturais**. Traduções de Tomaz Tadeu da Silca. 15 ed. Petrópolis/RJ: 2019[2014]. p. 103-133.

HOFFMANN, J. **A exposição como trabalho de arte**. 2003. p. 19-29. Disponível em: <http://www.eavparquelage.org.br>. Acesso em: 18 out. 2019.

LEFFA, V. J. (org.). **Nem tudo que balança cai: objetos de aprendizagem no ensino de línguas**. Polifonia. Cuiabá, vol.12, n.2, p.15 -45, 2006.

LOPES, D. de Q.; SOMMER, L. H.; SCHMIDT, S. Professor-propositor: a curadoria como estratégia para a docência on-line. **Revista Educação & Linguagem**, Porto

Alegre, RS, v. 17, n. 2, p. 54-72, jul.-dez. 2014. Disponível em:
<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/5331/4384>.
Acesso em: maio 2019.

MARTINS, M. C. Curadoria educativa: inventando conversas. **Reflexão e Ação – Revista do Departamento de Educação/UNISC** - Universidade de Santa Cruz do Sul, vol. 14, n.1, jan/jun 2006, p. 9-27. Disponível em: http://fvcb.com.br/site/wp-content/uploads/2012/05/Canal-do-Educador_Texto_Curadoria-Educativa.pdf. Acesso em: 18 out. 2019.

OLIVEIRA, G. B. de; JANES, F. T. **Professores curadores, uma análise de curadoria de conteúdo em EaD**. Associação Brasileira de Educação a Distância. São Paulo, 2017. n. p. Disponível em: http://fvcb.com.br/site/wp-content/uploads/2012/05/Canal-do-Educador_Texto_Curadoria-Educativa.pdf. Acesso em: 18 out. 2019.

RAMOS, D. O. Anotações para a compreensão da atividade do “Curador de Informação Digital”. In: SAAD, E. N. **Curadoria digital e o campo da comunicação**. São Paulo: ECA/USP, 2012. p. 40-50. Disponível em: <http://grupo-ecausp.com/novo-ebook-curadoria-digital-e-o-campo-dacomunicacao/>. Acesso em: 03 maio 2019.

ROHLING, N. **A atuação do professor de língua portuguesa discursivizadas por licenciandos na Educação a Distância: o embate entre o discurso da tradição e o discurso teórico**. Tese. Florianópolis: UFSC, 2012.

ROHLING, N. A pesquisa qualitativa e análise dialógica do discurso: caminhos possíveis. In: **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 15, n. 2, 2014.

SACRISTÁN, J. G.; GÓMEZ, Á. I. P. **Comprender e Transformar o Ensino**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, R. F. de. **Objetos digitais de aprendizagem de História do Brasil para o Ensino Médio: uma proposta de roteiro avaliativo para o professor-curador**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUCSP, 2017.

TARDIF, M. **Saberes Docentes e formação profissional**. 14 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

UNGERER, L. M. **Digital curation as a core competency in current learning and literacy: A higher education perspective**. 2016. Disponível em: <http://www.irrodl.org/index.php/irrodl/article/view/2566/3909>. Acesso em: 17 out. 2019.

VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia.** Tradução, organização, ensaio introdutório e notas de Sheila Grilo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019[1930].

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grilo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018[1929].

Data de recebimento: 24/05/2022

Data de aprovação: 10/06/2023